



Operadora:

Bom dia a todos. Iniciaremos neste momento a teleconferência do Banco do Brasil para discussão dos resultados do 2T09. Todos os participantes estão conectados apenas como ouvintes, e, mais tarde, será aberta a sessão de perguntas e respostas, quando serão dadas instruções para o participante. Caso precise de ajuda de um operador durante a conferência, basta teclar *0.

Cabe lembrar que esta conferência está sendo transmitida ao vivo pelo Portal BB, no endereço www.bb.com.br, site de Relações com Investidores, onde há, inclusive, a possibilidade de visualizar os slides e enviar perguntas, que serão respondidas na sessão de perguntas e respostas, ou posteriormente por e-mail.

Antes de prosseguir, gostaríamos de esclarecer que eventuais declarações que possam ser feitas durante esta conferência, relativas às perspectivas de negócios do Banco, projeções e metas operacionais e financeiras, constituem-se em meras previsões baseadas nas expectativas da Administração em relação ao futuro do Banco. Essas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, desempenho econômico e geral do País, do setor e dos mercados internacionais. Portanto, estão sujeitas a mudanças.

Conosco hoje estão os senhores Ivan de Souza Monteiro, Vice-Presidente de Finanças, Mercado de Capitais e Relações com Investidores, o Sr. Renato Donatello, Diretor de Controladoria, o Sr. Eduardo César Pasa, Contador Geral, e o Sr. Marco Geovanne Tobias da Silva, Gerente de Relações com Investidores.

Inicialmente, os senhores apresentaram os resultados do 2T09 em grandes linhas, e, em seguida, o Sr. Geovanne apresentará os detalhes desse resultado. Ao final, os executivos responderão as questões formuladas.

Agora passo a palavra ao Sr. Ivan Monteiro. Por favor, Sr. Ivan, pode prosseguir.

Ivan de Souza Monteiro:

Bom dia a todos. Sejam bem-vindos à nossa teleconferência para divulgação dos resultados do Banco do Brasil no 2T09. Antes de passar a palavra para o Geovanne, que irá discorrer sobre o desempenho no período do BB, queria destacar alguns acontecimentos e conquistas importantes do Banco do Brasil.

No 1S de um ano preconizado pela, possivelmente, mais grave crise no sistema financeiro mundial, registramos um lucro líquido de R\$4 bilhões, que corresponde a um retorno sobre o patrimônio líquido anualizado da ordem de 27,4%, e o lucro por ação de R\$1,56.

Desconsiderados os efeitos extraordinários, o lucro recorrente atingiu R\$3,2 bilhões no semestre, montante 7,5% superior ao observado no 1S08, e o retorno sobre o patrimônio líquido ficou em 22%. Destaque para o desempenho no 2T, cujo lucro líquido atingiu R\$2,3 bilhões e o recorrente de R\$1,7 bilhões, crescimento de 13,47% em relação ao 1T09.

O resultado recorrente do trimestre correspondeu a um retorno sobre o PL anualizado de 23,7%, contra 21,6% no trimestre anterior. A remuneração dos acionistas somou R\$1,6 bilhão no trimestre, equivalente a 40% do lucro líquido.



Com isso, afirmo para vocês que nosso sentimento é positivo com relação ao ano de 2009, pois mesmo em um período sazonalmente mais tímido, como é o 1S, que neste ano ainda veio envolto por uma crise sistêmica sem precedentes, vocês verão ao longo da apresentação que entregamos desempenho consistente, em linha com as estimativas que divulgamos ao mercado.

Como historicamente o próximo semestre tem um ritmo mais forte de negócios e os indicadores macroeconômicos inspiram confiança na retomada do crescimento, temos convicção de manter nossos compromissos de expansão e rentabilidade, com foco na sustentabilidade.

Passando em grandes linhas pelo nosso resultado, quero destacar que voltamos a figurar na liderança em ativos do sistema financeiro nacional, com R\$598,8 bilhões. O crescimento dos ativos totais do Banco do Brasil foi impulsionado pela expansão da carteira de crédito, com suporte de crescente captação e pela consolidação do banco Nossa Caixa.

A carteira de crédito avançou 32,8% nos últimos 12 meses, ganhando participação relativa nos ativos totais, encerrando o semestre em R\$252,5 bilhões. O crescimento mais expressivo dos ativos de crédito aconteceu na carteira de pessoas físicas. Só nessas operações, crescemos 69% em um ano, totalizando R\$68,5 bilhões. Destaque é que pela primeira vez na história do Banco do Brasil a carteira de pessoa física ultrapassa, em saldo, a carteira de agronegócio.

As linhas que mais impulsionaram esse aumento foram do CDC consignação e o financiamento a veículos, que cresceram 110,7% e 74% em um ano, respectivamente.

O crédito total a pessoas jurídicas ficou em R\$103,4 bilhões, expansão de 32,1% em 12 meses, com destaque para as linhas de capital de giro, que cresceram 54,7% em 12 meses, respondendo por 47% do total de operações. Já a carteira de agronegócio encerrou o período com R\$67,6 bilhões, crescimento de 9,7% em relação a junho de 2008.

A margem financeira bruta do Banco do Brasil no 1S09 apresentou crescimento de 35,7% em relação ao mesmo período de 2008, somando R\$15,5 bilhões.

Por fim, quero ressaltar que o desempenho do BB no trimestre confirmou as expectativas divulgadas ao mercado e evidenciou a solidez da Empresa, que foi capaz de entregar resultados consistentes e manter a rentabilidade para o acionista. Por isso mesmo, manteremos o *guidance* para 2009, à exceção da taxa de imposto, revisada em função do aumento da CSLL. De toda forma, apesar dos desafios à frente, continuaremos a trabalhar firmemente para transformar ameaças em oportunidades para o Banco do Brasil.

Passo agora, então, a palavra ao Geovanne, e fico à disposição na sessão de perguntas e respostas. Obrigado. Geovanne, por favor.

Marco Geovanne Tobias da Silva:

Obrigado, Ivan. Desejo a todos um bom dia. Vamos dar sequência, então, pulando para o slide número três da nossa apresentação, onde trazemos alguns dados da conjuntura macroeconômica, mostrando aqui mais claramente os impactos da crise na economia brasileira e refletindo também a confiança na recuperação econômica.



No gráfico no alto à esquerda, podemos ver a *[ininteligível]* da massa salarial brasileira. A manutenção dos patamares desse indicador, que, diga-se de passagem, não caiu durante o período crítico da crise, é uma boa referência do impulso para a economia, uma vez que tem relação direta com o consumo das famílias, que, por sua vez, também influencia na atividade produtiva.

Nesse sentido, também é notório verificar que a taxa de desemprego no Brasil, ilustrada no gráfico abaixo, à esquerda, não apresentou uma volatilidade alta perante o colapso financeiro mundial. Esse fator reforça a percepção de recuperação da economia brasileira e pode ser percebido também pelo gráfico do índice de confiança ao consumidor, no alto, à direita. A evolução do ICC alenta o movimento de otimismo em relação ao comportamento das variáveis relevantes para o desempenho da economia.

Nesse mundo pós-crise, a palavra do jogo, mais do que provada em meio a essa turbulência, é, sem dúvida alguma, confiança, o que nos leva ao slide número quatro.

Passando para o slide número quatro, podemos ver que a inflação medida pelo IPCA de 12 meses travou em 4,8%, um patamar inferior ao registrado em 2008, muito próximo da meta central de 4,5% que foi estabelecida pela autoridade monetária, e como medida anti-cíclica, ela lançou mão de uma redução da taxa básica de juros, uma redução de 450 b.p., que atingiu em junho de 2009 o patamar histórico de 9,25%.

Nós também podemos observar uma restauração gradual dos níveis de emprego, renda e confiança, tudo isso acompanhado de inflação sob controle, taxas de juros declinantes, que começa a deixar para trás todas aquelas estimativas mais pessimistas quanto ao crescimento da economia brasileira, cujo PIB nos últimos 12 meses apresentou um crescimento de 3,1% acumulado ao final de março de 2009, é importante ressaltar isso.

No slide número cinco, nós apresentamos a evolução desses indicadores de crédito no País. Aqui é um raio-x da carteira do sistema financeiro nacional refletindo consequências diretas da crise internacional. Em junho de 2009, a carteira de crédito do sistema atingiu R\$1,3 bilhão, e a relação crédito/PIB em 43,7%, como mostra o gráfico no alto, à esquerda.

O efeito da falta de liquidez, que acometeu substancialmente os pequenos bancos no Brasil, a concentração de ativos no sistema financeiro nacional passou a se intensificar a partir do epicentro da crise internacional, como podemos ver no gráfico no alto, à direita; em março de 2009, os dez maiores bancos do sistema detinham 89,3% dos ativos.

Nós também podemos observar aí uma piora do nível de risco de crédito constatado no País, como mostra o gráfico abaixo, à esquerda; as operações de risco AA a C saíram de 92,2% do total em dezembro de 2008 para 90,5% em junho de 2009, patamar esse em linha com os verificados em 2006, o ano que antecedeu o boom de crédito no País.

E é importante notar, também, no gráfico abaixo, à direita, que o movimento de operação do nível de risco do sistema vem acompanhado de um maior índice de cobertura das operações de pior risco pelas provisões existentes. Ou seja, em junho de 2009, os R\$92 bilhões em provisões do sistema financeiro nacional eram



suficientes para cobrir 131,8% dos créditos categorizados nos *rankings* de E a H, que são os *rankings* de maior patamar de risco verificado nos últimos cinco anos.

Em meio a toda essa conjuntura, o posicionamento do Banco do Brasil provou-se acertado. Em junho de 2009, voltamos a ocupar a liderança em ativos, que cresceram 14,9%, impulsionados pela expansão de 12,3% do crédito, especialmente o crédito de consumo, que cresceu 40,3%. Todo esse crescimento foi sustentado pelo incremento de 14,8% das captações do Banco do Brasil no semestre.

Sem dúvida alguma, o Banco do Brasil deu um passo à frente, antecipando-se ao cenário de retomada da atividade econômica, e abriu novas fronteiras de negócios, ao mesmo tempo em que conquistou o mercado, o que nos deixa animados com o que há por vir pela frente.

Lembro que a Nossa Caixa já está consolidada nos números do trimestre e que qualquer informação do Banco do Brasil *stand alone* será destacada devidamente durante esta teleconferência.

Passando para o slide número sete, podemos confirmar o êxito das estratégias adotadas pelo Banco do Brasil. Aqui podemos ver a evolução do lucro líquido e do lucro recorrente do Banco, que no semestre foi de R\$4 bilhões o lucro líquido societário, que correspondeu a um retorno sobre patrimônio líquido anualizado de 27,4%. Desconsiderados os efeitos extraordinários, o resultado recorrente foi de R\$3,25 bilhões, montante 7,5% superior ao observado no 1S08. O retorno sobre o patrimônio líquido nessa visão foi de 22%, que se encontra na ponta superior do *guidance* de 2009.

Na visão trimestral, o lucro líquido alcançou R\$2,348 bilhões, e o recorrente R\$1,727 bilhão, crescimentos de 41% e de 3,4% em relação ao 1T09 respectivamente. O resultado recorrente do trimestre correspondeu a um retorno sobre patrimônio líquido anualizado de 23,7%, contra 21,6% no trimestre anterior e 24,6% no 2T08.

Passando agora para o slide de número oito, apresentamos os itens extraordinários, que reforçaram o resultado recorrente do Banco no período. Os efeitos extraordinários agregaram R\$455 milhões ao lucro no 2T09 e R\$764 milhões no computo geral do 1S09.

Dentre os efeitos no 2T, de um lado, reconhecemos cessão de crédito da ordem de R\$271 milhões, e R\$1,4 bilhão da vinda da participação acionária na VisaNet. De outro, ativamos provisão adicional de risco de crédito no montante de R\$676 milhões, conforme Fato Relevante publicado em 30 de junho de 2009, além de despesas de demandas cíveis de planos econômicos, da ordem de R\$193 milhões, sendo que, deste total, R\$104 milhões foram provenientes das operações do Banco Nossa Caixa.

Atenção para o fato de que o item atualização de ativos atuariais já previa um acerto para a normalização do fluxo trimestral referente à correção do superávit da Previ, que foi contabilizado à luz da deliberação 371 da CVM, uma vez que tal contabilização passou a ser realizada a partir desse trimestre, retroativa ao 1T09.

Desta forma, o efeito líquido no resultado com os itens extraordinários no 2T foi, então, de R\$455 milhões, o que nos leva então ao resultado recorrente de R\$1,7 bilhão no período. Para o semestre, acrescentam-se as despesas de R\$1,4 bilhão referentes ao complemento da provisão para fazer frente a demandas legais, conforme Fato



Relevante publicado em 29 de abril de 2009, além de mais de R\$95 milhões de planos econômicos e uma receita de R\$1,2 bilhão relativa ao reconhecimento de créditos tributários originados da alteração da alíquota da contribuição social sobre o lucro líquido de 9% para 15%, conforme Fato Relevante também publicado em 29 de abril de 2009.

Assim, os efeitos extraordinários no 1S agregaram, então, R\$764 milhões ao lucro líquido do Banco no período.

Voltando a falar agora da formação do resultado recorrente, no slide nove, nós vemos a evolução da margem financeira bruta do Banco, que apresentou uma expansão de 36% em relação ao 1S08, impulsionada tanto pela expansão da carteira de crédito como também pela incorporação do banco Nossa Caixa. É importante notar que a margem financeira alcançou novo patamar no 2T09 com redução das despesas financeiras e de incremento das receitas, notadamente as de operações de crédito.

No trimestre, a margem obtida foi de R\$8,5 bilhões, um crescimento de 21,4% sobre o trimestre anterior, e de 46,6% em relação ao mesmo período de 2008. Apesar do corte na Selic, as operações de crédito voltaram a ganhar espaço na formação da margem financeira bruta, tendo como base o crescimento orgânico do crédito, e também via aquisição de carteiras e consolidação dos números da Nossa Caixa; a melhoria do spread das operações, tanto em função dos créditos da Nossa Caixa como mudança no *mix* da carteira; e a redução dos custos de captação em função das taxas pós-fixadas contratadas versus contratações pré-fixadas já existentes.

Passando para o slide número dez, podemos ver o comportamento do spread global do Banco. Enquanto a taxa básica de juros apresentou redução de 450 b.p. no semestre, o spread global do Banco do Brasil, calculado pela margem financeira bruta sobre ativos rentáveis, após cair 60 b.p. no trimestre passado, subiu de 6,6% para 7,3%, ultrapassando inclusive o patamar verificado em dezembro de 2008, que foi de 7,2%.

O incremento verificado no spread do Banco do Brasil deve-se, sobretudo, ao incremento do volume de crédito ao consumo, que ganhou participação relativa na carteira total, e também da maior participação das operações de capital de giro na carteira PJ, além, claro, do efeito da consolidação da Nossa Caixa.

Aqui, é importante destacar o efeito da consolidação da Nossa Caixa na formação do spread. Analisado de forma isolada, o Banco Nossa Caixa apresentou um spread de 9% no 2T09. O spread verificado na Nossa Caixa decorre do *mix* bastante favorável dos seus passivos quanto à estratégia de expansão de suas aplicações em ativos mais rentáveis, principalmente crédito consignado.

Em relação ao spread por carteira de crédito, depois do segundo período de retração, o spread dos negócios com pessoa física voltou a crescer, saindo de 20,5% no 1T09 para 21,2% no 2T09. O spread da carteira de pessoa jurídica também apresentou incremento no trimestre, passando de 7,2% para 7,5%, em função do aumento da participação de operações de capital de giro, que apresentam melhores spreads no total dessa carteira. A carteira de agronegócio, por sua vez, influenciada por questões sazonais, saiu de um spread de 5,9% no 1T09 para 5,5% no 2T09.

Passando agora para o slide de número 11, vemos a evolução das captações do Banco e seu custo de funding em relação à taxa Selic. Enquanto verificamos leve



incremento do saldo da captação total do 1T09 para o 2T09, vemos um aumento do custo de captação total do Banco em relação à Selic, que saiu de 69,8% no 1T09 para 71,1% no 2T09.

Esse comportamento foi influenciado, sem dúvida alguma, pela redução de 450 b.p. na taxa Selic, que impactou diretamente os depósitos a prazo. Se, por um lado, os depósitos a prazo serviram no passado para amortecer a elevação do custo total das captações em relação à taxa básica de juros, agora, em função da consolidação com o banco Nossa Caixa, que agregou volumes significativos de depósitos judiciais à base de captação, eles fizeram crescer os custos fixos de remuneração desse tipo de depósito.

De toda forma, mesmo com a alteração da conjuntura, o Banco do Brasil continua apresentando custos competitivos de captação devido à sua capacidade de crescer esses passivos em ritmo superior ao da indústria, e também em função de sua franquia e imagem perante o mercado, o que proporciona o sustento do crescimento dos negócios.

Passando agora para o slide de número 12, podemos ver que no crédito continuamos crescendo mais que o sistema financeiro, alcançando 18,7% de participação de mercado. Registramos um crescimento da carteira de 32,8% em 12 meses e de 4,4% no trimestre, e o destaque dessa expansão foi, sem dúvida alguma, a carteira de pessoas físicas, com uma expansão de 69% sobre o 2T08 e de 12% no trimestre. Eu quero ressaltar aqui que, conforme já prevíamos, pela primeira vez na história do Banco do Brasil a carteira de pessoas físicas superou em saldo a carteira de agronegócio.

Agora, indo para o slide 13, podemos ver mais detalhadamente o crescimento do crédito no Banco, que foi superior ao do sistema, mesmo quando analisamos apenas o crescimento orgânico. Se nós excluirmos no trimestre as aquisições de carteira que fizemos e também a incorporação da Nossa Caixa, nós chegamos a um crescimento de 3,4% no período, também acima da indústria, que cresceu 2,8%; incluído nesta conta o próprio Banco do Brasil.

Aliás, o crescimento da indústria, que foi de 19,7% em 12 meses, ficou abaixo da expansão da carteira de crédito do Banco do Brasil, de forma orgânica, que foi de 22% nesse período. Em relação à aquisição de carteira, vale dizer que a possibilidade de compra por meio da liberação de compulsórios nos proporcionou uma vantagem bastante interessante, dados os custos envolvidos e o perfil de risco adquirido, com a possibilidade de se apresentar como alternativa de crescimento em detrimento da aquisição direta de instituições financeiras.

Passando para o slide número 14, agora, nós fazemos uma abertura das operações de crédito ao consumo, considerando todas as frentes de crescimento, e o carro-chefe, sem dúvida alguma, foi o crédito consignado. Eu volto a lembrar que a carteira de pessoa física vem adquirindo uma participação cada vez maior na carteira total do Banco, ultrapassando a de agronegócio. E no gráfico podemos ver que mantivemos o forte ritmo de ampliação do consignado e também do financiamento a veículos.

Crescemos 110% a carteira de consignado em 12 meses, e este desempenho no trimestre também foi bastante expressivo, na casa dos 19%. E, com a Nossa Caixa, o Banco do Brasil isola-se mais ainda na liderança desse segmento, respondendo por mais de 30% do mercado de crédito consignado.



No financiamento a veículos, nós recuperamos o ritmo de crescimento, expandindo essa carteira em quase 17% no 2T09, o que refletiu também um incremento de 74% no período de um ano.

No slide número 15, nós vemos a evolução do crédito concedido a pessoa jurídica, que ultrapassou R\$100 bilhões; destaque aqui para as operações com micro e pequenas empresas, que cresceram 35% em um ano e 5,6% no trimestre.

As operações com médias e grandes empresas também apresentaram incremento relevante nos últimos 12 meses, apesar da queda de 0,8% no 2T, provocada pela variação cambial no período.

É importante ressaltar que nós aproveitamos o ambiente mais restritivo ao crédito para estreitar nosso relacionamento com os clientes de pessoa jurídica, a fim de suprir suas necessidades de financiamento. E esta visão de longo prazo tem garantido, além do crescimento do volume de negócios, a melhoria da rentabilidade com esses clientes, como já vimos no slide de número dez.

Passando agora para o slide 16, apresentamos a evolução do saldo das operações de financiamento ao comércio exterior, que atingiu um novo patamar após a crise internacional. É importante lembrar que a variação do câmbio, verificada aqui neste período, impactou diretamente o saldo dessas operações, que somou R\$23,5 bilhões em junho de 2009, um crescimento de 44,6% em 12 meses, mas apresentou uma queda de 10,5% no 2T ante a desvalorização de 6% do USD no mesmo período.

O impacto maior da desvalorização cambial no 2T09 foi sobre as operações de *[ininteligível]*, uma linha de investimento associada à exportação. Eu destaco que o Banco do Brasil é líder no mercado de câmbio de exportação e importação, com participações de 31,4% e 24,5%, e desembolsos de US\$23 bilhões e de US\$14 bilhões, respectivamente. Somente nos negócios com a *[ininteligível]* o Banco do Brasil alcançou participação de mercado de 44% em junho de 2009.

No slide número 17, podemos ver que o Banco permanece como o maior financiador do agronegócio brasileiro, com um saldo de R\$67,6 bilhões em carteira, um crescimento de 9,7% em 12 meses, e que corresponde a 62% de todo o crédito ao agronegócio no País. Dada a sazonalidade, as operações de comercialização que apresentam menor risco tiveram um crescimento de 12,7% no trimestre, seguidas pelas operações de investimento, que cresceram 4%. Na visão anual, o destaque é para o incremento de 36,9% no saldo das operações de custeio.

Ao final de junho, o agronegócio respondia por 26,8% da carteira de crédito do Banco, e para a safra 2009/2010, o Banco do Brasil espera destinar R\$39,5 bilhões ao segmento.

Passando para o slide 18, nós trazemos informações que nos permitem manter maior tranquilidade em relação ao agronegócio. Do lado esquerdo da lâmina, nós mostramos o percentual de operações de custeio agrícola, contratado com seguro na safra 2008/2010, e, do total de R\$15,5 bilhões de custeio, R\$9,5 bilhões foram segurados, o que representa 61,6% do total com seguro. E, deste total segurado, é importante dizer que 90% está amparado por re-seguro, junto a re-seguradoras que estão indicadas aí no quadro abaixo.



Do lado direito, nós trazemos a distribuição geográfica de seguro agrícola sobre a carteira de custeio agrícola por região. Sul e Centro-Oeste sem dúvida alguma apresentam os maiores percentuais de custeio segurado, com 74,4% e 70,7% de cobertura, respectivamente.

O Sudeste, por sua vez, apresenta o mais baixo nível de seguro em função de culturas plantadas naquela região, que não são contempladas por seguro agrícola, como a cana-de-açúcar, por exemplo. Ressalte-se também que, em geral, as contratações do 1S ocorrem para culturas não contempladas por seguro agrícola, devendo no 2S o percentual de operações contratadas e amparadas por mitigadores de risco se elevar.

Passando, agora, para o slide número 19, nós vemos no gráfico à esquerda que a expansão da carteira de crédito aconteceu em linha com nossas expectativas de comportamento da qualidade do crédito, embora o ambiente estivesse um pouco mais adverso. As despesas com provisão sobre a carteira, considerando aí os últimos 12 meses, montaram a 4,2% da carteira de crédito média, percentual este que corresponde ao indicado no *guidance* de 2009, e que também não comprometeu a expansão da margem financeira líquida, que apresentou crescimento.

As operações vencidas há mais de 90 dias, que estão aí mostradas na linha amarela do gráfico à direita, aumentaram para 3,3% ao final do 2T09. Este percentual é superior ao índice de 2,6% observado no 1T09, porém é significativamente menor do que o que está sendo apresentado pelo sistema financeiro, que é em torno de 4,4%.

Nós elevamos o índice de provisão requerida sobre o total da carteira, de 5,7% para 5,9%, abaixo do risco médio registrado pelo sistema financeiro, que saiu de 6,7% para 7,2%.

No slide 20 nós apresentamos mais detalhes sobre as despesas com provisão sobre a carteira de crédito. A partir da esquerda do gráfico para a direita, [*ininteligível*] o patamar dessas despesas no 1S09, e nós podemos ver cada um dos fatores que contribuíram para o incremento das despesas com provisão, até chegar ao valor obtido ali, referido no 2T09.

É importante ter em mente que o incremento de 27,3% nas despesas com provisão no período deriva substancialmente da incorporação do banco Nossa Caixa, cuja necessidade de provisionamento respondeu por 69% do acréscimo verificado no período. Outros efeitos foram o maior volume das contratações, e também da inadimplência, verificada no período. Lembro que todos os itens foram levados em conta em nossas estimativas e fundamentaram o *guidance* anunciado para 2009.

Olhando agora para o slide 21, nós podemos observar que ao longo dos últimos anos, a inadimplência do Banco do Brasil tem-se mantido abaixo da inadimplência do sistema financeiro nacional. Na visão pessoa jurídica verificamos incremento nos índices de atraso, com o Banco do Brasil acompanhando o sistema, mas ainda apresentando melhores patamares de inadimplência. O nível de atraso dessas operações foi piorado mais fortemente nos atrasos acima de 90 dias, principalmente em função da inadimplência no segmento de micro e pequenas empresas. Nas operações com pessoa física vemos que por vezes o Banco do Brasil segue tendência inversa à do sistema; o atraso acima de 90 dias nas operações de pessoa física no sistema financeiro nacional apresentou incremento de 30 b.p., saindo de 8,3% em março de 2009 para 8,6% em junho, enquanto que no Banco do Brasil, pelo contrário, esse índice apresentou uma melhoria de 20 b.p. nesse indicador, que caiu de 5,9% em



março de 2009 para 5,7% em junho de 2009, refletindo, aqui, o crescimento do crédito consignado principalmente.

No slide número 22, nós apresentamos a inadimplência da carteira de pessoa física por safra, aqui considerando crédito para as pessoas físicas exceto cheque-especial, cartões e financiamento a veículos. Podemos observar que o aprimoramento das metodologias de concessão de crédito do Banco do Brasil, bem como a mudança no *mix* das operações contratadas, tem permitido a redução do índice de atrasos na carteira ao longo da safra.

Passando para o slide número 23, podemos ver que as receitas de prestação de serviços, que totalizaram R\$6,4 bilhões, um incremento de 9,6%, esse crescimento se deve, sem dúvida alguma, ao crescimento dos negócios do Banco do Brasil, o trimestre foi ainda mais expressivo, em torno de 16,7% sobre o 1T09, 18,3% em relação ao mesmo período do ano anterior.

E olhando o Banco do Brasil sozinho na visão *stand alone*, o percentual de crescimento dessas receitas na comparação com o 1T09 foi de 4,5%, abaixo do intervalo de 5% a 8% indicado no *guidance*. Contudo, nós acreditamos que os negócios que compõem essa linha terão desempenho suficiente no 2S09 para garantir o atingimento da nossa estimativa divulgada no *guidance*.

Ainda neste slide, no slide 23, podemos ver no gráfico abaixo à esquerda o desempenho com faturamento dos negócios de cartões, que cresceu significativamente, e também no gráfico à direita o desempenho, o valor agregado dos nossos negócios de seguridade, que cresceram 11,7% na comparação semestral.

No slide de número 24, podemos observar que as despesas administrativas estão em linha com o crescimento dos negócios, e também com as aquisições que nós fizemos. As despesas administrativas totais, que incluem as despesas de pessoal e outras despesas administrativas, somaram R\$4,9 bilhões no 2T09, um crescimento de 24,5% comparado com o trimestre anterior e de 33% comparado ao mesmo período do ano passado. No semestre, o crescimento foi de 22,6%.

É importante ressaltar que, aqui, nesse trimestre, as despesas foram impactadas pela consolidação do banco Nossa Caixa, que acrescentou R\$358 milhões em despesas de pessoal e R\$301 milhões em outras despesas administrativas. Desconsiderados estes efeitos, as despesas teriam avançado 15,6% na comparação trimestral, e 3,4% na comparação semestral.

Para entender melhor as causas do incremento verificado nas despesas, nossa decisão de manter no *guidance* foi um crescimento de 9% a 12%. Nós abrimos no slide número 25 os principais fatores que influenciaram o volume de despesas administrativas no Banco do Brasil. A consolidação da Nossa Caixa, como eu já disse, somou R\$659 milhões de despesas; o IPO da VisaNet trouxe outros R\$64 milhões de despesas; o aprimoramento da consolidação das empresas coligadas e controladas não-financeiras agregou nesse período R\$47 milhões.

Esses valores montam a R\$770 milhões no período, e que, se fossem descontados do montante das despesas, levariam a um incremento de 11,9% nessa linha, que está perfeitamente dentro do *guidance* estipulado pelo Banco do Brasil.



Passando para o slide número 26, temos aí a grata satisfação de verificar que nosso índice de eficiência e de cobertura continua melhorando, estão em uma trajetória positiva e esses números já estão sensibilizados pela consolidação com a Nossa Caixa.

O índice de eficiência, que indica o quanto das receitas operacionais está sendo consumido pelas despesas administrativas, encerrou o período em 42,1%, praticamente de lado em relação ao semestre anterior, e 330 b.p. melhor do que o verificado no mesmo período do ano anterior.

A melhora do índice de eficiência decorreu do fato de que no período as receitas operacionais tiveram desempenho muito melhor do que o incremento verificado nas despesas administrativas. Já o índice de cobertura, que mede o quanto das despesas de pessoal está sendo coberto com as receitas com tarifa, atingiu 134,7% no 2T09, contra 131,9% no 1T e 143,2% no 2T08.

Passando para o slide número 27, podemos ver que a Basileia do Banco segue permitindo o crescimento dos negócios; nosso índice de capital encerrou em 15,3%. A Basileia apresentada pelo Banco permite uma expansão da carteira de crédito superior a R\$100 bilhões, daqueles ativos ponderados a 100%, e a estimativa do Banco, em relação à consolidação da aquisição da participação acionária do Banco Votorantim, é de que, com isso, haveria um efeito da nossa Basileia de 1,2 p.p., sendo 0,9 p.p. no capital de nível 1 e 0,3 p.p. no capital de nível 2. Assim, o nosso índice K, já considerando a consolidação da parceria estratégica com o Banco Votorantim, cairia para perto de 14,1%.

Passando, agora, para o slide número 28, gostaríamos de destacar aqui alguns dados do Banco Votorantim. Embora os efeitos da crise sobre a qualidade do crédito sejam notórios em toda a indústria, é importante ressaltar que a qualidade do crédito do Banco Votorantim é, sem dúvida alguma, muito melhor do que a da indústria, com os indicadores do período refletindo a conjuntura. A expertise do Votorantim nesse segmento fica evidente ao se constatar um índice de inadimplência de 3,1%, em uma carteira que é 83,5% composta por veículos usados.

Nós, assim, esperamos colher os benefícios dessa parceria entre o Banco do Brasil e o Banco Votorantim também no incremento da qualidade do nosso financiamento a veículos, cuja inadimplência no Banco do Brasil, da carteira do Banco do Brasil *stand alone*, é em torno de 5%.

Trazemos, agora, no slide número 29, uma comparação entre o nosso *guidance* e o desempenho que o Banco do Brasil isoladamente apresentou no período. Entendemos que o desempenho do Banco do Brasil no 1S09 confirma praticamente todas as estimativas divulgadas ao mercado, à exceção da taxa efetiva de imposto, que saiu de um patamar de 26% a 29% para 30% a 33% em função da rescisão anunciada quando da divulgação do resultado do 1T09. As demais *[ininteligível]* estão mantidas.

Bem, para finalizar, apresentamos a consideração em relação aos múltiplos dos grandes bancos brasileiros, isso porque, apesar do desempenho consistente que o Banco do Brasil vem apresentando, ele ainda continua sendo negociado com desconto em relação a seus pares. É certo que no 1S apresentamos a maior valorização entre os grandes bancos, contudo acreditamos que há valor ainda não-reconhecido nos múltiplos do Banco do Brasil.



Estes eram os pontos principais que eu gostaria de comentar com vocês nesta teleconferência. Abro, agora, a sessão para perguntas e respostas. Muito obrigado.

Carlos Macedo, Goldman Sachs:

Bom dia, senhores. Parabéns pelos resultados. São duas perguntas, na verdade. A primeira é em relação ao crescimento, vocês cresceram em um ritmo muito mais forte que o sistema financeiro e ganharam mercado em várias linhas no crédito. Eu queria entender o que vocês viram de diferente, é claro que vocês não podem comentar o que os outros bancos pensaram, mas o que o Banco do Brasil viu nesse trimestre que ainda foi difícil aqui no Brasil, que permitiu esse crescimento tão forte?

E a segunda pergunta é em relação às provisões trabalhistas, houve uma reversão bastante grande nesse trimestre; queria entender qual é a projeção indo para frente, se o valor de reversão esse trimestre é recorrente, se podemos esperar reversões neste patamar indo para frente ou se vai voltar ao patamar de trimestres anteriores. Obrigado.

Ivan de Souza Monteiro:

Carlos, obrigado pela pergunta. A primeira parte, eu acho que você deve ter acompanhado uma ausência muito grande de um ator muito importante, que eram os bancos estrangeiros. Os bancos estrangeiros tinham uma participação no mercado de crédito bastante relevante, e como essa crise começou no exterior e atingiu de certa forma de maneira bastante dramática os grandes conglomerados mundiais, é natural que houvesse uma retração.

Essa retração abriu uma oportunidade bastante interessante no mercado brasileiro, não só para o Banco do Brasil mas como para os demais bancos nacionais. Eu acho que o que apostamos e vimos de diferente é que você não consegue se desfazer de ativos sem ter uma forte base de captação. Lembrando do que aconteceu no exterior, a franquia que nós temos, as 4.000 agências, os 17.000 pontos de atendimento, eu acho que o [ininteligível], na hora da crise, gerou uma oportunidade muito grande de um funding adequado e de um funding com custos compatíveis.

É evidente que, quanto mais próximo do seu mercado, e o Banco do Brasil mantém um relacionamento estreito com seus clientes, e mantém uma visão de longo prazo no relacionamento, nos deu uma ótima oportunidade que nós aproveitamos.

É evidente que, com o aumento do nível de risco que ocorreu com a crise, nós privilegiamos em especial as carteiras de consumo. E nas carteiras de consumo, em especial consignado e veículos. Então, acho que esse foi o resultado final dessa grande expansão que nós tivemos, mas feita com muita responsabilidade.

Com relação à segunda pergunta que você fez, eu queria passar para o Eduardo César, nosso contador.

Eduardo César Pasa:

É importante falar sobre a questão dessas demandas trabalhistas pelo seguinte, é complicada essa linha, a gente sempre fala para o investidor que é difícil você tentar estimar o que ela seria, um valor normal. Porque você tem muitas vezes depende de questões de tribunais, decisões de primeira instância e segunda instância.



Mas pelo que eu lembre bem houve uma revisão aí que foi feita, uns ajustes, que se eu não me engano – o Gilberto me corrija se eu estiver errado – nós reforçamos as demandas trabalhistas e não chamamos aquilo de extraordinário. Por isso que quando agora houve um aprimoramento do sistema que acabou redundando em uma liberação, ou seja, aquilo que eu tinha saldado lá atrás eu saldei acima do necessário, e então acabei fazendo essa reversão, nós não chamamos de extraordinário porque quando eu saldei lá atrás eu também não chamei de extraordinário.

Então, para manter a coerência a gente manteve isso dentro da parte recorrente. Agora, é uma linha muito difícil de a gente tentar dizer qual seria um valor normal a ser projetado semestralmente, porque extrapola o gerenciamento do Banco pura e simplesmente, porque a gente está falando de decisões no âmbito jurídico, e que cada vez, se a demanda é possível ou é provável, a norma manda; ou é 0% de provisão ou é 100% de provisão.

Carlos Macedo:

Perfeito. Mas esse trimestre foi acima do normal, por causa dessa reversão que vocês tinham feito lá atrás, essa constituição maior?

Eduardo César Pasa:

Sim. E a gente só não chamou de extraordinário porque quando a gente fez lá atrás o reforço, consideramos dentro do resultado recorrente. Tanto que lá, quando aconteceu, a linha veio alta. Mas está difícil prever, porque tem hora que vem alta, tem hora que vem baixa.

Carlos Macedo:

Perfeito. Em relação à primeira pergunta, vocês mantiveram o *guidance* de crescimento de crédito para o ano. Em vista desse crescimento bastante expressivo no trimestre, do consignado e do crédito automóvel, e 12% do crescimento no trimestre sequencial, de crédito para a pessoa física, vocês vão manter ainda o crescimento nesse patamar? Não parece que talvez tenha que ser elevado, o *guidance*?

Ivan de Souza Monteiro:

A gente está levando em consideração dois aspectos bastante importantes. O primeiro, a concorrência vai ser mais acirrada no 2S. E também a gente está vendo uma clara retomada das operações no mercado de capitais. Toda nova operação que tem vindo no mercado, a demanda tem sido substancialmente agressiva. Então, esses dois fatores nos levaram a ponderar a não-alteração do *guidance*.

Carlos Macedo:

Certo. Mas mesmo a pessoa física?

Ivan de Souza Monteiro:

Mesmo para a pessoa física. O *guidance*, se eu não me engano, é o total da carteira. A gente está muito otimista porque eu acho que, como você mesmo falou, não havia consenso com relação ao comportamento da economia brasileira para o 1S. Há um



enorme consenso, uma melhoria de consenso para o 2S, e um enorme consenso para 2010.

É nesse conjunto, nessa sequência, que a gente aposta. Mas na nossa visão a concorrência volta forte no 2S, inclusive com o possível retorno de alguns atores estrangeiros, alguns bancos estrangeiros, e a concorrência das operações no mercado de capitais.

Carlos Macedo:

OK. Perfeito. Obrigado.

Jorg Friedmann, Merrill Lynch:

Bom dia. Também tenho duas perguntas. A primeira eu gostaria de entender um pouco melhor o que motivou a classificação dessa revisão, da atualização atuarial da Previ como recorrente; acredito que isso vai contribuir para o resultado em mais ou menos R\$165 milhões líquidos adiante.

E eu só gostaria de entender: eu entendo que ela é de longo prazo, mas assim como ela é de longo prazo eu tenho visto, por exemplo, outras linhas, como os planos econômicos, que já estão há algum tempo nos resultados do Banco do Brasil. Então, eu só gostaria de entender qual é a diferença da motivação.

E o segundo ponto, eu gostaria de entender se vocês têm algum *guidance* de médio prazo, onde essa contribuição da carteira de pessoa física como total da carteira deve chegar. Com a consolidação da Nossa Caixa, o percentual da pessoa física saiu de mais ou menos 22% para 30%. Se você somar Votorantim, a carteira total, deve ir para mais ou menos 32%, o que é um bom número para trabalhar de repente em uns dois anos para essa contribuição de pessoa física na carteira total do Banco do Brasil.

Finalmente, só um detalhe que eu notei: vocês mostraram uma abertura muito interessante da contribuição da provisão com o efeito Nossa Caixa. Mas eu chequei essa informação com aquela tabela oito, que mostra o Banco do Brasil *stand alone*, e o crescimento do fluxo de provisão do Banco do Brasil *stand alone* sai de R\$2,491 para R\$2,919, e não tem relação, então, com aquela abertura que vocês mostraram; se você tirasse tudo que era Nossa Caixa, o arrasto, e a contribuição da Nossa Caixa, não chegaria nesse número aqui.

Teve alguma coisa que eu perdi nesse detalhe? Obrigado.

Ivan de Souza Monteiro:

Geovanne, acho que a primeira e a terceira eu gostaria de deixar contigo, e a segunda eu falo.

Marco Geovanne Tobias da Silva:

OK. Obrigado. Na realidade, Jorg, de fato, e aí o *[ininteligível]*, o nosso contador, Eduardo César, se ele puder também me ajudar; você tem que considerar essa questão da atualização é fácil; nós temos hoje já um ativo contabilizado à luz da deliberação 371 da CVM, em função também do financiamento da SPC. E você tem a atualização dos benefícios, de acordo com a taxa atuarial.



Isso você deve considerar sem dúvida alguma como parte da prática contábil que o Banco vai adotar agora, como se diz, perenemente. Em relação ao plano econômico, já muda de figura. Por quê? O plano econômico você tinha um prazo, e com base nesse prazo você teria um universo de ações que poderiam ser implementadas.

Você ainda tem alguns ajustes acontecendo, olhando principalmente o Banco do Brasil, porque o Banco do Brasil já vinha fazendo isso há pouco mais de tempo. Esses ajustes são, a partir de agora, mais residuais. Então, eu não sei se você poderia chamar a questão do plano econômico como uma coisa que passaria a ser recorrente, porque ele está cada vez mais reduzindo.

E a tendência, vai chegar um momento em que ele vai estar já praticamente tudo provisionado. Uma ou outra coisa que aparece em uma ação que foi colocada por parte de uma associação, por exemplo, que representa um universo "x" de pessoas que pertencem àquela associação, que teriam, então, um impacto de ajuste de provisão. Mas é diferente da questão da Previ.

Jorg Friedmann:

Mas só um *follow-up* aqui, Geovanne, será que o fato de você também fazer essa revisão de maneira anual, em relação à atualização atuarial, e com a variação também do superávit, isso não pode trazer uma volatilidade?

Marco Geovanne Tobias da Silva:

Eu acho que a volatilidade maior aconteceria se você deixasse para fazer tudo no 4T, quando por força da deliberação 371, você tem que confrontar o valor presente dos ativos garantidores do plano, o valor presente dos benefícios, e com as contribuições. Você tem que fazer esses ajustes consideradas todas as regras e as normas que você tem que obedecer.

O que de fato está acontecendo é que você tem uma atualização monetária que acontece independentemente desse comportamento lá na frente. E aí quando chegar o 4T, vai ser feita essa avaliação atuária, e o ajuste que vai ser feito vai levar em consideração a atualização feita ao longo dos trimestres anteriores. Então, acaba que o ajuste tende a ser, em tese, menor.

Jorg Friedmann:

OK.

Eduardo César Pasa:

Só ratificando o que você falou, é isso mesmo; o valor, a partir de agora, lembrando que em dezembro a gente teve um valor substancial advindo daquele superávit, e partir agora de dezembro esses valores passam a ser recorrentes porque são advindos de uma regra contábil, e compõem o resultado do Banco, o resultado recorrente do Banco. E como o Geovanne bem lembrou, ele é totalmente previsível nos períodos futuros.

Jorg Friedmann:

OK. Só para também ratificar: é não-caixa isso, não é?



Eduardo César Pasa:

Não-caixa.

Jorg Friedmann:

OK. Obrigado.

Ivan de Souza Monteiro:

Geovanne, com relação à terceira indagação, você poderia responder?

Marco Geovanne Tobias da Silva:

A terceira indagação, desculpe, Jorg, qual foi?

Jorg Friedmann:

Só que eu percebi que naquele slide que vocês mostram a quebra das provisões, não me pareceu consistente com o que vocês apresentam na tabela oito; a variação de Banco do Brasil *stand alone* parece muito maior do que aquela que está no slide.

Marco Geovanne Tobias da Silva:

É porque é o seguinte: o efeito contaminação ali da Nossa Caixa, na hora que você confrontou as operações que estavam “bookadas” lá na nossa Caixa, que a gente trouxe para dentro, a gente verificou aquelas que eram de clientes em comum, as operações de clientes da Nossa Caixa que por ventura poderiam ter operações também no Banco do Brasil, essas operações que foram originadas aqui no Banco do Brasil também foram agravadas o risco.

Jorg Friedmann:

Entendi. Então, o arrasto é como se fosse o Banco do Brasil que ficasse com ele?

Marco Geovanne Tobias da Silva:

Sim. Você tem um efeito arrasto lá, e outro arrasto aqui quando são clientes em comum.

Jorg Friedmann:

Perfeito. Entendi. Obrigado.

Ivan de Souza Monteiro:

Com relação à carteira de pessoa física, a gente está bastante otimista com relação ao potencial de crescimento de negócios na Nossa Caixa, e também bastante otimistas com o potencial de crescimento de negócios junto ao Banco Votorantim.

Nós não temos um *guidance*, nós não temos um número específico, uma participação percentual dessa carteira porque a gente acredita que no 2S, tanto no 2S09 quanto para 2010, haverá uma recuperação natural das demais carteiras também, tanto a



carteira de agronegócio quanto a carteira de PJ, quanto a carteira de comércio exterior.

Não tem uma métrica específica. Mas a prioridade na carteira de consumo continua sendo financiamento de consignado e financiamento de veículos.

Jorg Friedmann:

Está ótimo. Obrigado.

Alcir Freitas, Itaú:

Bom dia, todo mundo. São duas perguntas. A primeira é com relação àquela abertura que vocês dão de spread por carteira. Hoje o spread agregado em pessoa física estaria em 21,2%. Eu queria saber se vocês têm como dar uma abertura de qual seria o spread das operações que estão sendo acrescentadas marginalmente nos últimos meses. Ou seja, a carteira adicionada trimestre a trimestre, se ela está rodando ao mesmo spread da carteira agregada, e se tem uma diferença muito grande.

E a segunda coisa seria com relação ao segmento de agronegócios. Basicamente, queria saber se vocês têm como passar um *update* da visão de vocês e disponibilidade de financiamento para o setor perante a disponibilidade de linhas do sistema financeiro incluindo o Banco do Brasil; ou seja, se a bancabilidade do setor está razoável perante a demanda esperada por vocês. É isso.

Ivan de Souza Monteiro:

Obrigado pela pergunta. Com relação à primeira parte da pergunta, a gente está incorporando com uma velocidade maior o segmento de consumo e a carteira de pessoa física. Então, de maneira geral, toda vez que a gente aumenta a participação dessa carteira na carteira total de crédito, o spread tende a ser melhor, comparativamente às demais carteiras.

Então, a gente não tem esse número separado, específico, mas naturalmente isso preserva a rentabilidade do Banco ao longo do tempo e aumenta a rentabilidade e a formação da margem financeira bruta porque cresce a carteira com melhores spreads com relação às demais. Então, essa é a explicação.

Com relação à segunda parte, gostaria da orientação do Geovanne.

Marco Geovanne Tobias da Silva:

Eu gostaria de pedir para o nosso Diretor de Agronegócios, José Carlos Vaz, que também está na sala em Brasília, se ele pudesse responder ao Alcir. José Carlos?

José Carlos Vaz:

Bom dia para todos. Com relação ao financiamento para o ano-safra 2009/2010, a gente manteve a execução de retorno dos principais financiadores: Banco do Brasil, bancos privados e fornecedores de insumos e *trading*. O Banco do Brasil, com um crescimento de 30%, 40% em relação a desembolso no período anterior, estamos falando de grãos; os bancos privados, um crescimento menor, por volta de 10%.



Os fornecedores de insumos e as *tradings* deverão ficar em uma posição intermediária entre a safra passada e a anterior, ou seja, aumentando a participação no financiamento em relação à safra passada, mas não voltando ainda àqueles tradicionais 1/3 do financiamento do setor.

Isso em função do que? Melhoramento de risco dos produtores, redução de endividamento, boas perspectivas para a safra, recuperação de livre capital de giro para as empresas, que refazem os negócios e produtos.

Então, nós mantemos a percepção de que haverá uma melhoria no volume de recursos aos produtores nessa safra em relação à anterior, com retorno dos financiadores comerciais. Obrigado.

Alcir Freitas:

Está ótimo. Obrigado.

Operadora:

Não havendo mais perguntas, passo a palavra ao Sr. Ivan Monteiro, para suas últimas considerações.

Ivan de Souza Monteiro:

A gente agradece a presença de todos, e lembro que havendo necessidade de mais informações sobre a nossa instituição, por favor contate a nossa equipe de RI, ou visite o nosso *website*. A todos um ótimo fim de semana, muito obrigado e até a próxima oportunidade.

Operadora:

A teleconferência do Banco do Brasil está encerrada. Agradecemos a participação de todos, e tenham um bom dia.

“Este documento é uma transcrição produzida pela MZ. A MZ faz o possível para garantir a qualidade (atual, precisa e completa) da transcrição. Entretanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais falhas, já que o texto depende da qualidade do áudio e da clareza discursiva dos palestrantes. Portanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais danos ou prejuízos que possam surgir com o uso, acesso, segurança, manutenção, distribuição e/ou transmissão desta transcrição. Este documento é uma transcrição simples e não reflete nenhuma opinião de investimento da MZ. Todo o conteúdo deste documento é de responsabilidade total e exclusiva da empresa que realizou o evento transcrito pela MZ. Por favor, consulte o website de relações com investidor (e/ou institucional) da respectiva companhia para mais condições e termos importantes e específicos relacionados ao uso desta transcrição.”